



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum39.105.A012>

## **Vida e Carreira de Vítimas de Acidentes de Trânsito**

*Life and Career of Traffic Accident Victims*

---

Jéssica Dias Castilho  
Universidade Federal do Espírito Santo  
<http://orcid.org/0000-0002-3695-2885>  
jessicadcastilho@gmail.com

Alexsandro Luiz De Andrade  
Universidade Federal do Espírito Santo  
<http://orcid.org/0000-0003-4953-0363>

---

### Resumo

Este estudo foi realizado com vítimas de acidentes de trânsito buscando compreender conseqüentes destes eventos em suas vidas e carreira. Participaram 10 pessoas, sendo cinco homens e cinco mulheres, entre 28 e 51 anos, que já haviam trabalhado em algum momento de suas vidas, e apresentaram algum tipo de seqüela física temporária ou permanente decorrente do evento. A partir de procedimentos entrevistas e análises de conteúdos foram sistematizados três grupos entre os participantes: os do que não retornaram ao trabalho, os do que retornaram ao trabalho, e o do que retornaram temporariamente ao trabalho depois do acidente. Os resultados indicam que os acidentes interferiram na vida dos entrevistados em vários contextos como: família, convívio social e profissional, sendo este último um dos mais atingidos. Discute-se o aprofundamento dessas questões e são sugeridos estudos que se debruçam sobre a intervenção em carreira para pessoas acidentadas no trânsito.

**Palavras-chave** *desenvolvimento de carreira; acidente de trânsito; psicologia do trânsito.*

### Abstract

*This study was carried out with victims of traffic accidents seeking to understand the consequences of these events in their lives and careers. 10 people will participate, being five men and five women, between 28 and 51 years old, who have worked at any time in their lives, and will present some type of temporary or permanent physical sequelae in front of the event. Based on interview procedures and analyzes of systematized contents of three groups among the participants: I do not return to work, I return to work temporarily, or from temporary work. The results indicate that accidents interfered in the participant's lives in various contexts such as family, social, and professional life, the latter being one of the most affected. The deepening of these issues is discussed, and studies are suggested that focus on career intervention for people injured in traffic.*

**Keywords:** *development of career, traffic accident, psychology of traffic.*

### Resumen

*Este estudio se llevó a cabo con víctimas de accidentes de tránsito que buscaban comprender las consecuencias de estos eventos en sus vidas y carreras. Participarán 10 personas, siendo cinco hombres y cinco mujeres, entre 28 y 51 años, que habían trabajado en cualquier momento de sus vidas, y presentaron algún tipo de secuela física temporal o permanente frente al evento. Basado en procedimientos de entrevista y análisis de contenidos sistematizados de tres grupos entre los participantes: los que no regresaron al trabajo, los que regresaron al trabajo, y los que regresaron al trabajo temporalmente. Los resultados indican que los accidentes interfirieron en la vida del participante en diversos contextos como la vida familiar, social y profesional, siendo este último uno de los más afectados. Se discute la profundización de estos temas y se sugieren estudios que se centren en la intervención profesional para las personas lesionadas en el tráfico.*

**Palabras clave:** *desarrollo de carrera, accidente de tránsito, psicología del tránsito.*

## Introdução

Os acidentes de trânsito surgem como um problema social progressivo, principalmente nos países em desenvolvimento e afetam especialmente a saúde pública. Cerca de 1 a 3% do Produto Interno Bruto de cada país é gasto com acidentes de trânsito e suas consequências, no entanto, indica-se que 90% das mortes e dos ferimentos acontecem em países de baixa e média renda (World Health Organization, [WHO], 2017). A posição do Brasil neste cenário não é diferente, o país ocupa atualmente o quinto lugar no ranking de número absoluto de acidentes de trânsito, apresentando no ano de 2013, uma taxa de óbito de 23,4 por cem mil habitantes (WHO, 2015).

As consequências dos acidentes de trânsito abrangem tanto a saúde física das vítimas, como lesões, sequelas adquiridas e comprometimento de mobilidade, como detrimento da vida ocupacional, a saúde mental e a qualidade de vida (Silveira & Souza, 2016; Coêlho, Santos, Santos Ceballos & Oliveira, 2019). Os acidentes de trânsito são acontecimentos capazes de causar transformações nas vidas daqueles envolvidos diretamente, afetando suas histórias e identidades. Após um acidente é comum que tanto vítimas quanto familiares sofram com as questões físicas e psicológicas causadas por este, especialmente quando não há um tratamento adequado, podendo uma sequela física aumentar o risco de uma sequela psicológica (WHO, 2016).

De acordo com Paiva et al. (2016) é possível observar uma redução de renda familiar de 1,2 salários mínimos nos primeiros seis meses pós-acidente, revelando assim um declínio na situação econômica das vítimas. Sousa et al. (2016) identificaram prejuízos ocupacionais decorrentes do acidente, segundo estes 25% dos participantes que trabalhavam perderam seus empregos ou ficaram incapacitados, e aqueles que retornaram demonstraram dificuldade neste retorno. Fort et al. (2011) associaram o retorno tardio ao trabalho pós-acidente de trânsito a alguns fatores tais como: gravidade do trauma, sequelas físicas e dor persistente.

Em recente revisão sistemática sobre o tema Castilho, De Andrade, Fraga, Martins-Silva e Oliveira (2019) apontam que o tema ainda é pouco investigado pela comunidade acadêmica, principalmente nos países menos desenvolvido e de maior incidência de acidentes, como por exemplo, Brasil e África do Sul. O trabalho aponta

ainda que parte da literatura internacional sobre o tema delinea a importância de pesquisa com enfoque em dimensões de orientação profissional e retorno ao trabalho.

Na direção de explorar a lacuna existente de estudo orientados pela compreensão dos efeitos dos acidentes nas dimensões de vida pessoal e carreira, desenvolve-se o presente estudo, procurando explorar e identificar sequelas na vida pessoal e profissional de vítimas de acidentes de trânsito. Tradicionalmente existe a visão de que o pensamento das pessoas irá guiar a forma como elas irão se comportar e enfrentar o cotidiano. Os trabalhos de Abric (1994) se inserem bem nesta linha ao afirmar que o que é pensado e representado guiará as práticas das pessoas. No entanto, diversos trabalhos, já clássicos da psicologia social demonstram que a ocorrência de eventos externos às pessoas pode ter um efeito contundente no pensamento e em última instância nas verbalizações (Flament, 1994).

O acidente de trânsito entra na classe de eventos únicos e marcantes, sendo previsto que tenha um efeito transformador nas práticas e no pensamento das pessoas que passaram por isso. Segundo Flament (1994) o efeito dos eventos ocorridos altera o pensamento pelas práticas. Isso significa que a mudança das práticas é o grande agente mediador entre o evento, a catástrofe, e a modificação de pensamento. Em consequência, quando se trata de pessoas que sofreram acidentes de trânsito, o fato de retornar, não retornar ou retornar temporariamente ao trabalho corresponde a uma diferença a nível de práticas e terá, segundo os trabalhos de Flament (1994) um grande efeito mediador de mudança de pensamento.

Compreendendo que os acidentes de trânsito são eventos traumáticos e inesperados (Cavalcante, Morita & Haddad, 2009), que afetam as histórias de vida das pessoas envolvidas em seus mais diversos aspectos. Uma das formas de se compreender as sequelas causadas por estes é por meio das narrativas de vida destas pessoas, pois segundo Cochran (1997) narrar histórias é um dos principais modos de produzir sentido e organizar fatos temporalmente, com início, meio e fim. As narrativas de vida, vão além dos eventos passados, ajudam a firmar o senso de identidade, permitindo projetar os desejos e necessidades presentes e futuras (Cochran, 1997). Para Savickas e Hartung (2012) narrar sua própria história de vida e conhecê-la bem incorpora um significado a escolhas de vida e aos planos de carreira. Segundo Savickas (2015) lidar com suas

próprias narrativas possibilita a desestabilização de ideias antigas e clareamento de escolhas futuras.

Na direção de explorar qualitativamente o impacto dos acidentes de trânsito nas histórias de vida e trajetórias profissionais em vítimas de trânsito é proposto este estudo, sendo utilizadas entrevistas narrativas como meio para compreensão dos impactos no ciclo de vida pessoal e profissional dos participantes.

### **Método**

Participaram do estudo 10 pessoas, cinco homens e cinco mulheres que sofreram algum tipo de acidente de trânsito, nos últimos cinco anos, e que apresentaram alguma seqüela física, permanente ou temporária, por causa deste. A idade dos participantes variou entre 28 e 51 anos, sendo a média de 34,1 anos. Seis tinham filhos no momento da pesquisa, três encontravam-se solteiros, três em união estável/casamento, quatro eram divorciados/separados. Em relação à escolaridade três haviam cursado apenas o ensino fundamental incompleto/completo, três cursaram o ensino médio incompleto/completo e uma estava cursando o ensino superior, e três cursaram o ensino superior.

### **Procedimentos de coleta de dados e instrumentos**

A amostra deste estudo possui a particularidade de difícil acesso, tanto pela natureza de acesso, como motivação e impactos afetivos dos acidentes em suas vidas. Desta forma o processo inicial de recrutamento dos participantes foi pelo processo conhecido popularmente como “bola de neve”, em que alguns informantes-chaves, sendo um deles da área jurídica que trabalha com trânsito e outro da área da psicologia, indicaram participantes com o perfil sugerido para a pesquisa. Desta forma, os potenciais participantes foram convidados a fazerem parte do estudo, sendo os que aceitaram submetidos a uma entrevista conduzida pela primeira autora deste artigo.

As entrevistas foram agendadas por contato telefônico e realizadas em locais de comum acordo entre pesquisadores e participantes. As informações foram coletadas a partir de uma entrevista semiestruturada, sendo o roteiro formado por questões sociodemográficas (idade, escolaridade, dados familiares, histórico laboral e do acidente)

e adicionalmente por perguntas sobre a temática deste estudo, sendo orientada com apoio da técnica da linha da vida) (Brott, 2004).

Para a utilização da técnica da linha da vida na entrevista, entregou-se aos entrevistados uma folha de papel tamanho A4 com um lápis e uma borracha solicitando que estes fizessem uma linha que representasse suas trajetórias de vida, desde o nascimento até a data atual. Após isso, foi solicitado que estes tentassem se recordar de todos os eventos, marcos e experiências importantes de suas vidas, assinalando estes pontos na linha desenhada. Os entrevistados foram estimulados a contar suas experiências, sentimentos, crenças, desejos e vontades que apresentaram diante destes eventos. Como uma segunda parte da técnica, foi solicitado para que desenhassem uma segunda linha em que delineavam os caminhos desejados para o futuro. Todo o material de registro foi gravado com autorização prévia dos participantes.

Todos os participantes foram solicitados a ler e assinarem as duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram individuais, tiveram uma média de duração de 50 minutos. Os dados foram coletados entre dezembro de 2017 e maio de 2018.

### **Procedimentos de análise dos dados**

Primeiramente realizou-se a transcrição integral das entrevistas. A técnica utilizada para a compreensão dos dados foi a análise de narrativas (Flick, 2009), envolvendo as etapas de leitura completa do material, a seleção, organização, análise e interpretação dos dados disponíveis nas entrevistas. No conjunto de entrevistas foram percebidos quatro grupos estruturais de conteúdos narrativos: a) Participantes que não retornaram ao trabalho; b) Participantes que retornaram ao trabalho; c) Participantes que retornaram temporariamente ao trabalho e; d) narrativas comuns entre os participantes de todos os grupos. Para organização dos dados as informações de resultados foram dispostas em três eixos: Aspectos descritivos, Retorno ou não ao Trabalho e Narrativas comuns sobre o inesperado

### **Aspectos éticos**

Anterior ao processo de coleta de dados, a presente pesquisa foi avaliada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da universidade de origem dos autores, este aprovou o estudo com protocolo número 68570117.4.0000.5542. Antes do início de cada entrevista os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido foram lidos junto aos participantes, sendo estes informados dos objetivos do estudo. Foi esclarecido que as participações eram voluntárias, e a qualquer momento os entrevistados poderiam se retirar do estudo, além de ser garantido o anonimato das informações. Os participantes foram identificados com nomes fictícios, sendo os femininos correspondentes às mulheres (Alice, Beatriz, Cláudia, Diana e Elena) e os masculinos correspondentes aos homens (Artur, Bruno, César, Dante e Enrique). Devido à natureza temática e possibilidade de mobilização de afetos negativos, foi ofertado suporte psicológico após as realizações das entrevistas. Aos participantes durante todo o processo de entrevista e posterior ao encontro de coleta de dados foi disponibilizando contato telefônico e acesso ao serviço de apoio psicológico da instituição dos pesquisadores, todavia nenhuma participante solicitou acompanhamento.

## **Resultados**

### **Aspectos descritivos**

Em uma visão geral dos resultados, constatou-se que sete desses acidentes envolveram motocicletas, sendo que seis destes participantes eram os condutores da motocicleta. Os outros três acidentes, aconteceram enquanto os participantes eram passageiros. Apenas a participante Diana não estava trabalhando no momento do acidente. Dos outros nove participantes, cinco trabalhavam em empresas sob o regime de carteira assinada, uma era comissionada, outro era servidor público efetivo, outra trabalhava com o esposo, e um trabalhava em duas empresas, mas sem carteira assinada. O tempo mínimo de licença depois do acidente foi de 1 mês e o tempo máximo de 50 meses, apresentando uma mediana de 12 meses.

Todos os participantes foram hospitalizados, no entanto apenas um, Bruno, não teve que pernoitar no hospital, e foi o único não submetido a cirurgia. A hospitalização mínima foi de um dia e a máxima foi de 225 dias, apresentando uma mediana de 12,5

dias. Quatro destes apresentaram lesões relacionadas aos membros inferiores, três relacionadas aos membros superiores e três apresentaram politrauma. Oito destes afirmaram sentir dores por causa da lesão e seis destes disseram tomar algum tipo de remédio por causa do acidente.

Os resultados apresentados levaram a uma subdivisão dos participantes em três grupos, baseados no retorno ao trabalho posterior ao acidente. O grupo 1 (Alice, Cláudia, Diana e Enrique) refere-se aos participantes que não retornaram ao trabalho. O grupo 2 (Beatriz, Bruno e Elena) são aqueles que retornaram ao trabalho, e o grupo 3 (Artur, César e Dante) abrange os que retornaram ao trabalho apenas temporariamente. A análise de dados na sequência deste trabalho baseou-se exclusivamente nas dimensões demográficas e narrativas produzidas pelos participantes nos três grupos

## **Retorno ou não ao Trabalho**

### **Grupo 1 - Participantes que não retornaram ao trabalho**

Neste grupo identificou-se características semelhantes em relação ao trauma e ao tempo de hospitalização. Alice, Cláudia e Diana apresentaram politrauma em consequência do acidente, e tiveram os maiores tempos de hospitalização sendo respectivamente: 156, 225 e 35 dias. Quanto a escolarização, Diana e Enrique cursaram apenas o ensino fundamental incompleto, enquanto Cláudia havia concluído o ensino médio, e Alice, o ensino superior.

A moto em que Alice estava com seu namorado, foi atropelada por um carro, e a participante foi arremessada a 15 metros. Apresentou politrauma, com traumatismo craniano, perda de massa encefálica, fratura exposta no braço. Alice é enfermeira e atuava em um hospital. Esta relatou que após o acidente sua vida mudou completamente, e como sequelas físicas relatou fortes dores de cabeça e no braço, além de perdas de memória. Parou de trabalhar, terminou o relacionamento, se afastou de amigos e colegas, sente-se uma pessoa dependente da família para tudo, e sente muito vontade de retomar algum tipo de atividade remunerada. Para o Instituto Nacional do Seguro Nacional (INSS) ela se encontra apta a retomar o trabalho, enquanto o hospital em que esta trabalhava apresentou uma postura discriminatória de acordo com a seguinte fala da participante: “Voltei no serviço e eles falaram que não queriam uma enfermeira deficiente lá.”

O acidente de Cláudia aconteceu enquanto trabalhava. Por ser representante comercial, visitaria um cliente quando em uma queda de moto foi atropelada por um caminhão. Passou 225 dias internada, sendo a participante com maior tempo de hospitalização. Apresentou politrauma, com quebra de bacia, fêmur, costela, perda parcial de órgãos. Mencionou sentir dores intensas, principalmente quando realizava atividades que forçavam seu corpo. Após quase 4 anos do acidente, o INSS a liberou para retornar ao trabalho, e esta preparava-se para o retorno na empresa. As principais sequelas sociais que o acidente trouxe para Cláudia foram o afastamento do emprego e assim ter muito tempo ocioso, o término de um relacionamento, e a perda salarial, pois de acordo com a participante, seu salário era maior em seu trabalho, como aparece na fala a seguir: “Quando eu trabalhava ganhava muito mais do que eu ganho hoje. Dá pra poder sobreviver com isso que eu tô ganhando (...) mas não se pode fazer muita coisa”.

Diana era a passageira de um ônibus quando este freou, e ela foi arremessada contra o chão, quebrando sua bacia, braço e fêmur. Ficou internada por 35 dias, e era a única participante que não trabalhava no momento do acidente, pois havia sido demitida há pouco tempo. Diana menciona que o acidente trouxe sequelas como limitações nas atividades diárias domésticas, atividades de lazer, e no próprio relacionamento conjugal. Suas dores eram fortes, e ela não se sentia motivada a ser cabeleireira, profissão que havia acabado de completar o curso e pensava em seguir. Cursou apenas até a quarta série, e declarou que seu sonho era fazer faculdade de veterinária, mas sabia que isso seria difícil. Recebia auxílio do INSS por causa do acidente, e de acordo com a participante, o próprio médico afirmou que o mais indicado seria a sua aposentadoria precoce devido as lesões apresentadas, como esta relata: “Eu não aguento ficar muito tempo em pé e também não aguento ficar muito tempo sentada. Coloquei placas no braço e quadril. O braço não sobe até o alto. Não é qualquer empresa que te aceita”

Enrique foi o único homem desse grupo, e o único que não sofreu politrauma. Sofreu uma queda de moto enquanto estava indo ao trabalho. Apresentou fratura exposta, e lesão no pé. O tempo de hospitalização foi de seis dias, tempo inferior ao do grupo. Enrique trabalhava em uma grande empresa como operador de controle, e relatou que inicialmente a empresa se mostrou bem disposta a ajudá-lo, no entanto com o passar do tempo foi necessário pressionar a empresa para que o ajudasse com a marcação de

médicos e consultas que não estavam disponíveis. Mencionou que sua maior seqüela se devia as fortes dores que sentia no calcanhar, e que não passavam pois não tinha condição financeira de pagar o tratamento. No momento da entrevista, o participante se encontrava na preparação para uma outra cirurgia que poderia ajudá-lo a sentir menos dores, mas também estava ansioso para que a situação se saísse bem, como deixa explícito nessa fala: “Tava tomando remédio para dor, mas não estava resolvendo. Devido ao custo muito alto, eu parei. (A dor) é no conjunto todo. Aqui no tendão, e nesse músculo. Fica pressionando a minha pele, o meu osso, e isso causa dor”.

## **Grupo 2 - Participantes que retornaram ao trabalho**

Foram detectadas, neste grupo, semelhanças referentes à escolaridade, sendo que todos os três participantes ou completaram o ensino superior, ou cursavam o ensino superior à época da entrevista. Também pode-se apontar que o tempo de hospitalização dos participantes foi o menor dos três grupos.

O carro em que Beatriz estava bateu em uma carreta, ocasionando uma fratura exposta no braço que fez com que ficasse internada por 10 dias. Na época do acidente, Beatriz trabalhava como professora de alemão, e depois do acontecido, durante a licença, foi convidada a fazer uma entrevista em outra escola, sendo contratada logo depois. Beatriz foi a única participante que relatou apresentar sintomas de estresse pós-traumático, com revivência da situação. A participante mencionou que apesar da seqüela física e da dor ainda sentida por causa da fratura, sua vida mudou positivamente pós-acidente, pois este evento que fez com que ela fechasse situações que a incomodavam, como seu emprego anterior, e passasse a planejar sua vida e futuro próximo.

Bruno foi o participante que apresentou as menores seqüelas físicas posteriores. Este caiu de moto no dia do ano novo, e teve que passar meio dia hospitalizado para tratamento de feridas e imobilização de braço. Seu tratamento, de acordo com o participante, foi dolorido pois era necessária uma raspagem diária no hospital. À época da entrevista não sentia dores, e de acordo com ele o seu acidente não interferiu em momento algum em seus dois trabalhos. Bruno planejava seu futuro em outro país, estudando inglês, e vivenciando outra cultura.

Elena estava na condição de ciclista quando foi atropelada por um carro em uma ciclovia, apresentando fratura exposta do fêmur. Apesar de ter tido uma internação breve de seis dias, sua recuperação foi prolongada, levando-a ficar deitada na cama por dois meses, a usar cadeira de rodas por aproximadamente quatro meses, e só a partir de quase um ano conseguir andar novamente sem apoio. Segundo a participante, o acidente a afastou da família, pois teve que ir para outra casa, pois a sua não era adaptada. Apresentou sentimentos negativos relacionados ao acidente como tristeza, angústia, sensação de que a vida estava dando errado, pensamento de que nunca mais iria andar novamente, como demonstra na fala: “Minha vida complicou muito. Acho que foi o acidente, nem sei. Eu tento às vezes ficar feliz, mas eu não consigo. Eu fiquei mais medrosa, com medo de tudo.” No momento da entrevista, Elena afirmou sentir dor intensa, e problemas na locomoção, mas que o fato de trabalhar com o marido, como ajudante de dentista, a ajudou retornar o trabalho.

### **Grupo 3 - Participantes que retornaram temporariamente ao trabalho**

O grupo de pessoas que retornaram temporariamente ao trabalho incluiu os participantes Artur, César e Dante. Os participantes eram do sexo masculino e motociclistas. Dois deles tiveram lesão na perna, e dois haviam cursado o ensino médio completo e incompleto, e um, o fundamental incompleto. A quantidade de dias hospitalizado foi a segunda maior, ficando atrás apenas do grupo 1. Estes participantes entraram neste grupo pois retornaram ao trabalho posteriormente ao acidente, permaneceram neste por pouco tempo, e hoje se encontram desempregados. Este foi o grupo que apresentou menor escolaridade, tendo apenas um participante com o ensino médio completo. Além disso, todos os participantes do grupo no momento da entrevista estavam realizando atividades de planejamento do seu futuro profissional.

Artur sofreu o acidente enquanto voltava do trabalho. Ele atropelou uma mulher, que segundo ele não se feriu, e sua moto caiu. O participante conta que a empresa em que estava o apoiou todo o tempo, indo buscá-lo no local do acidente e levando ao hospital. Após o acidente, a empresa também permitiu que esse pudesse fisioterapia, flexibilizando o horário de trabalho. Artur conta que ficou três meses afastado pelo INSS, e que durante esse tempo seu salário diminuiu muito, o que fez com ele pedisse ao médico que

apressasse sua liberação para que pudesse retornar. Após um tempo na empresa, Artur buscou outra oportunidade de trabalho, pediu demissão, e foi para o outro trabalho sendo despedido após um breve período. Segundo este, um dos motivos para sua demissão pode ter sido seu acidente, pois estava prestes a fazer uma cirurgia no joelho afetado e a empresa sabia disso. Artur estava trabalhando com pequenos trabalhos, e buscava se reinserir no mercado de trabalho como professor de dança, mas que suas sequelas também afetavam nessa carreira.

César também sofreu acidente enquanto retornava do trabalho. Este relata que foi fechado por um carro, e arremessado contra um poste, o que o fez sofrer uma fratura no rádio. O participante ficou 15 dias internado, e um ano afastado pelo INSS por causa do acidente. Este contou que o INSS o liberava para o retorno às atividades na empresa, enquanto a empresa alegava que ele não era capaz de voltar ao trabalho. Quando finalmente retornou ao trabalho, César relatou que os gestores da empresa o trataram de forma diferenciada, pediam para que fizessem atividades que não estavam relacionadas ao seu cargo, não davam mais trabalho a ele, e o excluía das atividades, como demonstra a seguinte fala: “foi explícito a forma de eles agirem comigo porque eu estava na estabilidade, parecia que eu estava dentro da empresa por obrigação. Então, foi bem diferente, eles me mudaram de setor, eu não viajava mais”. Assim, César foi demitido dois meses antes de completar a estabilidade. A partir disso, este relata que sua passou a planejar melhor sua vida e carreira para que pudesse realizar sua vontade de morar fora do país.

O participante Dante foi atropelado em sua moto por um carro enquanto ia para o trabalho, fraturando a perna. Dante à época do acidente trabalhava em duas empresas, como Gerente Operacional e como segurança, algumas vezes por semana. Os dois trabalhos não eram formais, e o participante, após o acidente, não foi respaldado pelo seguro acidente. Dante foi o participante que mais apresentou problemas financeiros, tendo sua renda reduzida em quase 90%, e ficando dependente de um valor de 600 reais que a empresa se propôs a pagar. Devido à gravidade do acidente, este ficou afastado por quatro meses. No entanto, relatou que enquanto esteve afastado a empresa não apresentou nenhum tipo de suporte além do financeiro, e logo outra pessoa ocupou o cargo que ele preenchia. Em seu retorno, disse que não se sentia confortável na empresa pelas atitudes

dos superiores e colegas, e optou por sair da empresa para empreender. Contudo, a empresa que fundou não deu certo, e encontrava-se desempregado à época da entrevista e dependente da família. Dante mencionou um processo depressivo, com sentimentos como desinteresse, crença de que nada daria certo, desânimo, incapacidade, e apontou como causa o acidente.

### **Narrativas comuns sobre o inesperado**

Todos os participantes citaram ter apresentado algum tipo de sentimento relacionados ao acidente como, por exemplo, estresse, raiva, medo, preocupação, pessimismo, e tristeza, dentre outros, como pode ser observado em uma das falas de Dante: “Eu passei a ser muito pessimista, em relação às coisas, tudo vai dar errado, passei a ter essa mentalidade de que a vida não vai para frente”. No entanto, é interessante expressar que dois participantes, Beatriz e César, apesar de pontuarem os sentimentos negativos também apontaram o acidente como algo que modificou suas vidas para melhor, pois permitiu que fechassem ciclos profissionais e abrissem outros.

A perda financeira foi realidade para cinco participantes, sendo dois dos participantes do grupo 1, Cláudia e Enrique, e todos os participantes do grupo 3. Outro aspecto comum nas narrativas dos participantes foi a importância do apoio da família no pós-acidente, desde os cuidados com os ferimentos até a ajuda na criação dos filhos e apoio material. A família foi apontada como fonte de segurança e cuidado, especialmente o papel da mãe. No entanto, para Alice, a família também apareceu como características super protetoras, que julgavam que esta não era capaz de retornar às suas atividades normais de trabalho por apresentar sequelas graves.

Para Alice, Cláudia e Bruno, suas vidas sociais também foram afetadas pós-acidente. No caso de Alice, esta relatou o afastamento de amigos, o fato de não sair mais para lazer, e nem conseguir se relacionar afetivamente depois que saiu do hospital. Cláudia aponta que o afastamento do emprego a deixou ociosa, sem contato com amigos e colegas, sendo essa uma das principais razões para querer voltar a trabalhar. Bruno assinala que o acidente repercutiu negativamente em sua vida social, no entanto, apenas temporariamente, tendo este que deixar de participar de eventos sociais com amigos e namorada durante o tempo de sua recuperação, o que o incomodou.

Em relação às sequelas físicas do acidente, apenas Bruno declarou não apresentar nenhuma. As sequelas apresentadas pelos participantes foram: não poder esticar a perna, perda de mobilidade e força do braço e mão, traumatismo craniano, lesão e esmigalhamento de ossos. Apenas Bruno e César declararam não sofrerem ainda algum tipo de dor por causa do acidente. As limitações percebidas pelos participantes basicamente se relacionam com sua mobilidade, o que interfere também em suas vidas sociais, lazer e até relacionamentos. Estes declararam não poder mais praticar exercícios, dançar, caminhar, andar de bicicleta e realizar tarefas domésticas. A recuperação do acidente envolveu em alguns casos, como o de Elena, o repouso absoluto, utilização de cadeira de rodas e muletas, e a utilização de colete cervical no caso de Beatriz e sessões de fisioterapia, como Artur, Diana e César para recuperar a mobilidade. Em relação a cirurgia, apenas Bruno não passou por algum procedimento, sendo que Artur e Enrique mencionaram a necessidade de realizar mais algumas cirurgias para o alívio da dor, mencionando sentimentos de apreensão e preocupação com esse procedimento, pois não sabiam quais resultados teriam.

Todos os participantes, exceto Beatriz e Bruno, ambos do grupo 2, indicaram as sequelas deixadas pelo acidente como uma possível barreira para conseguir um emprego ou retornar ao trabalho, especialmente a dor. Artur, por exemplo, acreditava que sua demissão do último emprego se deve ao fato de apresentar uma sequela no joelho, e no corte de pessoal que a empresa estava propondo, preferiram tirá-lo pois ele poderia pedir licença futuramente para realizar alguma cirurgia. Diana contou que sua vontade era seguir como cabeleireira, profissão que havia acabado de iniciar, no entanto as dores que sentia a impediam de trabalhar nessa área, além de acreditar que nenhuma empresa a contrataria pois sente dor ao realizar pequenas tarefas. Outro que destacou o acidente como uma barreira é César, como demonstra a fala a seguir: “Eu tive uma entrevista de trabalho, e eu fui bem sincero em relação ao acidente. Percebi que quando eu falei a pessoa já mudou um pouco o semblante dela. Acredito que uma empresa possa ver com um olhar negativo essa questão.”

Os participantes do grupo 1, e Dante, do grupo 3, apontaram que não se sentem confiantes para retornar ao trabalho, apesar de desejarem. Alice não sabe se conseguirá um dia ser uma profissional independente de novo, Cláudia gostaria de voltar, mas não

sente segura com seu desempenho, Dante relata sua falta de confiança em si mesmo, e o medo de machucar a perna novamente em algum tipo de trabalho que exija esforço físico, e Enrique diz que se desligou completamente do serviço, e por isso não lembra de quase nada mais.

A relação com a empresa após o acidente foi vista de forma diferenciada entre os participantes de todos os grupos, variando entre positiva, como no caso de Artur e Cláudia, indiferente, como no caso de Bruno, Beatriz, e negativa, para Alice, Enrique, César e Dante. É importante ressaltar que tanto César quanto Dante, participantes do grupo 3, apesar de terem retomado o trabalho, foram dispensados ou pediram a dispensa da empresa. Para Artur e Cláudia a empresa teve um papel positivo após o acidente, tendo os gestores visitado os participantes no hospital e atendido suas principais necessidades. No caso de Dante e Enrique a empresa se mostrou prestativa inicialmente, mas depois foi necessária uma cobrança por parte dos acidentados para que estas os ajudassem. Alice e César relatam um descaso total das instituições em relação ao seu acidente. Alice expõe que ninguém do trabalho, nem colegas nem gestores, a buscaram para saber de sua situação. César descreve que sentiu uma desconsideração grande por parte da empresa, pois achava que os gestores tinham uma relação de amizade com ele anterior a este evento.

O INSS foi temática constante nas histórias dos participantes. Artur e Beatriz narram que negociaram com o médico para que este os liberasse o mais rápido possível para que retornassem ao trabalho. De acordo com Artur a renda do auxílio não conseguia o sustentar, e por isso precisava retornar logo ao trabalho, e Beatriz pediu liberação mais cedo para que conseguisse ser contratada por uma nova escola. Para Alice e César houve conflitos entre a decisão do INSS e a empresa que trabalhavam anteriormente, pois o INSS alegou que estes estavam aptos ao retorno enquanto a empresa dizia que não. No caso de César esse conflito durou alguns meses, culminando na sua volta, mas para Alice a empresa recusa a sua volta e diz que ela deve ser aposentada precocemente. Diana que não estava trabalhando no momento do acidente, relatou que o médico do INSS a recomenda para aposentadoria precoce devido ao grau de suas lesões. Cláudia contou que para o INSS ela se encontra apta ao retorno como técnica de segurança do trabalho, curso que fez durante seu tempo de afastamento, e estava em processo de retorno ao trabalho

na empresa. É relevante frisar que retornar ao trabalho foi visto pelos participantes tanto do Grupo 1 quanto do Grupo 3 como algo desejado e positivo em suas vidas, que poderia proporcionar a independência financeira, a retomada social, e o sentimento de ser útil a sociedade.

### **Discussão**

Os resultados demonstraram que foi possível algumas diferenças entre os grupos apresentados, e semelhanças entre seus participantes. As narrativas do grupo 1, composto daqueles que não retornaram ao trabalho, apresentaram semelhanças tais como lesões graves, maior tempo de hospitalização, e o impacto em suas profissões, que tiveram que ser paralisadas para que houvesse a recuperação física. Tais resultados são consonantes com o estudo de Pélissier, Fort, Fontana, Charbotel e Hours (2017) que indica que lesões graves se associam com o não retorno ao trabalho, assim como o estudo de Gopinath et al. (2015) que aponta a hospitalização prolongada também se relaciona com este não retorno.

Em relação ao grupo 2, as semelhanças se deram com o fato de que estes foram os participantes que retornaram com maior facilidade ao trabalho pós-acidente. Este grupo também apresentou o menor tempo de hospitalização, e além da maior escolaridade. Em relação à hospitalização, um menor tempo de internação possui relação direta com uma menor gravidade do acidente, estes dados vão ao encontro dos estudos de Gopinath et al. (2015) e de Berecki-Gisolf, Collie e McClure (2013) que relacionam negativamente a internação hospitalar com o retorno ao trabalho. Por sua vez, o maior grau de instrução foi indicado por Prang et al. (2015) como um dos fatores positivos de retorno. Além disso, nesse grupo, é importante mencionar, que apesar de bem parecidas, as narrativas se diferenciaram pelo fato de que dois dos participantes, Beatriz e Bruno, pouco apresentaram sequelas relacionadas ao acidente, e se recuperaram de forma rápida, retornando suas atividades em um curto prazo, enquanto Elena, apesar de ter permanecido pouco tempo hospitalizada, foi uma das participantes que teve o tempo de recuperação mais prolongado, mas que retornou ao trabalho por trabalhar em uma empresa da família.

A relação com a empresa, como apresentado nos resultados, variou de acordo com cada história. No entanto, é importante ressaltar que apenas nas narrativas de Artur e Cláudia essa relação foi positiva, enquanto nas outras, ou foram indiferentes ou negativas. Nas relações negativas podemos apontar os casos de César e Dante, participantes do grupo 3, que apesar de terem retomado o trabalho, foram dispensados ou pediram a dispensa da empresa. Estes relataram a percepção de exclusão no ambiente organizacional, tendo o relacionamento com gestores e colegas piorado posteriormente ao acidente. Além disso, Alice narrou um episódio de preconceito explícito de uma gestora da instituição em que trabalhava que declarou não necessitar de deficientes na organização. Tais episódios são indícios de incivilidade organizacional. A incivilidade no contexto laboral tem sido associada com dimensões de prejuízo interpessoal e no desempenho dos colaboradores (De Andrade, Matos, Lobianco & Broseguini, 2020), sendo no contexto deste estudo um indicador de provável preconceito e desrespeitoso, somando a um desafio adicional para busca de bem-estar e realização no trabalho dos acidentados.

O apoio e suporte familiar apareceu nas narrativas como um dos pontos mais importantes para a superação dos problemas causados pelos acidentes, sendo que todos os participantes reconheceram e afirmaram ter recebido este apoio. A família surgiu nas histórias como um ponto de segurança, oferecendo cuidados físicos, afetivos e financeiros. O apoio da família é um fator importante para a carreira em um contexto geral, influenciando positivamente na percepção de autoeficácia e tomadas de decisões (Garcia, Restubog, Bordia, Bordia & Roxas, 2015). Assim, estes resultados direcionam o entendimento de que o suporte familiar é importante para o desenvolvimento de carreira, principalmente de pessoas acidentadas. De acordo com Sabet et al. (2016), que menciona a família como fator que ajudou na redução do estresse e *coping* das condições negativas derivadas do acidente, e que também se relacionou com o retorno das atividades normais após o acidente.

Os sentimentos citados pelos participantes em relação ao acidente, em sua maioria, foram: raiva, medo, tristeza, abalo emocional, incerteza. As narrativas sinalizam também efeitos negativos na vida social, envolvendo a convivência com dores constantes e abalos na situação financeira posteriores ao evento do acidente em todos os

participantes, mesmo que de forma temporária. Coêlho et. al (2019) apontam a incidência de transtornos mentais comum em vítimas de trânsito, a natureza do acidente de trânsito potencializa efeitos negativos na saúde mental das vítimas (Cavalcante, Morita e Haddad, 2009), direcionando a importância de intervenções de suporte, orientação psicológica e políticas públicas para o melhor reestabelecimento dos acidentados

As principais queixas apresentadas pós-acidente foram relacionadas a dor que os participantes sentiam, mesmo depois de longo tempo decorrido do acidente e na situação de trabalho que se encontravam. Os participantes do grupo 1 e 3, que se encontravam afastados ou desempregados no momento da entrevista apresentaram sentimentos negativos em relação ao fato de estarem parados, com muita vontade de retomar suas vidas e se recuperarem totalmente das sequelas. De todos os entrevistados, é importante frisar que apenas Bruno se dizia completamente recuperado do acidente. Este dado é compatível com o achado por Queiroz e Oliveira (2013), o qual constata que os principais medos apresentados pós acidente foram relacionados a sequela física, cirurgia, morte e recuperação da saúde, tendo os participantes do estudo experienciado níveis elevados de ansiedade e desejo de retomar o quanto antes o controle de suas vidas, suas atividades sociais e de trabalho.

Quanto ao impacto do acidente nas trajetórias profissionais os resultados apresentados pelo estudo demonstram que ter passado por uma experiência de acidente de trânsito marcou a trajetória de vida geral dos participantes e foi entendido para a maioria dos participantes como um momento de ruptura de suas histórias e transição de suas carreiras. Por suas narrativas, percebe-se que o acidente é visto como um ponto importante, atingindo principalmente a saúde física dos entrevistados e repercutindo diretamente suas trajetórias profissionais. Conforme Glavin et al. (2017) as múltiplas transições de carreira podem de alguma forma aumentar o sentimento de desnortamento e quebra de narrativa, sendo sugerido, especialmente em casos de eventos traumáticos, o aconselhamento de carreira através do Life Design. Compreender a história de vida dos participantes deste estudo e as consequências do acidente sobre elas, apresentou-se como essencial para o entendimento de suas trajetórias profissionais, seus contextos atuais, suas habilidades, objetivos e possíveis caminhos futuros, mas também foi uma intervenção benéfica para se pensar os contextos de carreira destes.

Nos resultados apresentados neste atual estudo, pode-se perceber que o trabalho e o retorno a estes foram vistos de forma positiva, tendo o trabalho sido relacionado a independência destes participantes, e como forma de se deixar um legado. Mesmo os que se encontravam afastados, afirmaram que sentiam falta do trabalho, e almejavam o retorno. Assim, tal resultado corrobora os resultados de Sabet et al. (2016), que demonstra que apesar de apontar as limitações físicas dos participantes, o retorno ao trabalho foi visto como positivo, e que garantia a independência e produtividade destas pessoas.

Para o Instituto de Tecnologia Social do Brasil (ITS- Brasil, 2018) a reinserção de pessoas com algum tipo de deficiência, inclusive adquiridas, é essencial, no entanto há muitas barreiras para se alcançar este objetivo como: falta de informação de empregadores e dos recursos humanos das habilidades de pessoas com deficiência, ausência de procedimentos e políticas para a diminuição do preconceito que assegurem igualdade de condições, desrespeito à lei das cotas, e falta de tecnologias que apoiem essa reinserção. O Emprego Apoiado (ITS- Brasil, 2018) surge como uma metodologia que tenta contribuir nessa realidade de inserção no mercado de trabalho de pessoas com deficiência, e tem como principal conceito a presunção de empregabilidade, ou seja, todas as pessoas são capazes de trabalhar. Esta metodologia busca a criação de apoios dentro da organização como forma de diminuir a discriminação e preconceito dos gestores e colegas de trabalho. Assim, é possível se apontar nesta direção, para o estudo e desenvolvimento de novos estudos com pessoas que sofreram acidentes de trânsito.

### **Considerações finais**

Compreender melhor como o acidente de trânsito afetou as vidas destes participantes configurou-se de extrema valia, pois pode-se abrir novos caminhos para se desenvolver melhores intervenções em suas carreiras, auxiliando que estes progridam e não sejam impedidos de continuar seus caminhos profissionais. Entre as limitações deste estudo pode-se considerar o número reduzido de participantes, todavia a possibilidade de um entendimento narrativo as histórias destes é um material único e inacessível por questionários e inventários psicométricos. A quebra de narrativa observada a partir do acidente, pode fazer com que essas pessoas sintam que suas histórias anteriores não

encaixam mais com suas vidas, e suas novas identidades não se encontram construídas, podendo ocorrer sentimentos de confusão e perda.

A realidade brasileira para reabilitação de vítimas de trânsito ainda é falha, como Sousa et al. (2017) mencionam diversas barreiras impedem uma reabilitação satisfatória, como por exemplo: burocracia, ineficácia de serviços públicos, dificuldades de locomoção, questões financeiras, falta de organização da equipe médica, entre outras. Ainda de acordo com esses autores, as consequências destas barreiras são o prolongamento da dor e sofrimento, além do desemprego, da instabilidade social e familiar. Apesar de não focar as políticas públicas de reinserção no mercado de trabalho para pessoas que sofreram acidentes, os resultados exploratórios do presente estudo demonstram a urgência de se desenvolver políticas públicas específicas para reinserção profissional e suporte destas pessoas.

### Referências

- Abric, J.-C.(1994). Représentations sociales: aspects théoriques. In J.-C. Abric (Org.). *Pratiques sociales et représentations* (pp. 11-36). Paris: PUF.
- Brott, P. E. (2004). Constructivist assessment in career counseling. *Journal of Career Development, 30*(3), 189-200. doi: 10.1023/B:JOCD.0000015539.21158.53
- Castilho, J. D., De Andrade, A. L., Ferrão, L. F., Martins-Silva, P. de O., & Matos, F. R. (2019). Retorno ao trabalho após acidentes de trânsito: uma revisão integrativa de literatura. *Boletim Academia Paulista de Psicologia, 39*(97), 237–245. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2019000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Cochran, L. (1997). *Career counseling: A narrative approach*. Sage.
- Coêlho, V. M., Santos, W. J., Santos, G. B. Ceballos, A. G., & Oliveira, B. (2019). Common mental disorders and risk behaviours in motorcyclists victims of traffic-accidents. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, (22)*. <https://doi.org/10.19131/rpesm.0260>

- De Andrade, A. L., Matos, F. R., Lobianco, V. M. P., & Broseguini, G. B. (2020). ( In )  
civilidade no Trabalho : Medidas e Modelos. *RPOT*, 20(1), 1–8.  
<https://doi.org/10.17652/rpot/2020.1.16841>
- Flament, C. (1994). Structure, dynamique et transformation des représentations sociales.  
In J. C. Abric (Org.): *Pratiques sociales et représentations* (pp. 37-57). Paris:  
PUF.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa-3*. Artmed editora.
- Fort, E., Bouffard, E., Charnay, P., Bernard, M., Boisson, D., Laumon, B., & Hours, M.  
(2011). Return to work following road accidents: factors associated with late work  
resumption. *Journal of Rehabilitation medicine*, 43(4), 283-291. doi:  
10.2340/16501977-0670
- Garcia, P. R. J. M., Restubog, S. L. D., Bordia, P., Bordia, S., & Roxas, R. E. O. (2015).  
Career optimism: The roles of contextual support and career decision-making self-  
efficacy. *Journal of Vocational Behavior*, 88, 10-18. doi:  
10.1016/j.jvb.2015.02.004
- Glavin, K. W., Haag, R. A., & Forbes, L. K. (2017). Fostering Career Adaptability and  
Resilience and Promoting Employability Using Life Design Counseling.  
In *Psychology of Career Adaptability, Employability and Resilience* (pp. 433-  
445). Springer, Cham.
- Gopinath, B., Jagnoor, J., Harris, I. A., Nicholas, M., Maher, C. G., Casey, P.,...Cameron  
I. D. (2015). Comparison of health outcomes between hospitalised and non-  
hospitalised persons with minor injuries sustained in a road traffic crash in  
Australia: a prospective cohort study. *BMJ Open*, 5:e009303. doi:  
10.1136/bmjopen-2015- 009303
- Instituto de Tecnologia Social- Brasil. (2018). *O que é emprego apoiado*. Recuperado de:  
[http://itsbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/02/ebook\\_EAintroducao.pdf](http://itsbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/02/ebook_EAintroducao.pdf)
- Paiva, L., Pompeo, D. A., Ciol, M. A., Arduini, G. O., Dantas, R. A. S., Senne, E. C. V.  
& Rossi, L. A. (2016). Estado de saúde e retorno ao trabalho após os acidentes de  
trânsito. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(3), 443-450. doi:10.1590/0034-  
7167.2016690305i

- Pélissier, C., Fort, E., Fontana, L., Charbotel, B., & Hours, M. (2017). Factors associated with non-return to work in the severely injured victims 3 years after a road accident: A prospective study. *Accident Analysis & Prevention*, *106*, 411-419. doi: 10.1016/j.aap.2017.06.020
- Prang, K., Berecki-Gisolf, J., & Newman, S. (2015). Recovery from musculoskeletal injury: the role of social support following a transport. *Health and Quality of Life Outcomes* *13*(97),1-17. doi:10.1186/s12955-015-0291-8
- Queiroz, M. S. & Oliveira, P. C. (2003). Acidentes de trânsito: uma análise a partir da perspectiva das vítimas em Campinas. *Psicologia & Sociedade*, *15*(2), 101-123. doi: 10.1590/S0102-71822003000200008
- Sabet, F. P., Tabrizi, K. N., Khankeh, H. R., Saadat, S., Abedi, H. A. & Bastami, A. (2016). Road Traffic Accident Victims' Experiences of Return to Normal Life: A Qualitative Study. *Iran Red Crescent Medical Journal*, *18*(4): e29548. doi: 10.5812/ircmj.29548
- Savickas, M. L. & Hartung, P. J. (2012). My career story: An autobiographical workbook for life-career success. Recuperado de: [http://www.vocopher.com/CSI/CCI\\_workbook.pdf](http://www.vocopher.com/CSI/CCI_workbook.pdf).
- Savickas, M. L. (2015). Life-Design Counseling Manual. Recuperado de: <http://www.vocopher.com/LifeDesign/LifeDesign.pdf>
- Souza, R. K. T., Soares, D. F. P., Mathias, T. A., Andrade, O. G. & Santana, R. G. (2008). Idosos vítimas de acidentes de trânsito: aspectos epidemiológicos e impacto na sua vida cotidiana. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, *25*(1), 19-25. doi: 10.4025/actascihealthsci.v25i1.2247
- World Health Organization, (2016). Post-crash response: Supporting those affected by road traffic crashes. Geneva: Switzerland. Recuperado de: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/251720/1/WHO-NMH-NVI-16.9-eng.pdf?ua=1>
- World Health Organization. (2015). *Global status report on road safety*. Geneva, Switzerland. Recuperado de: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/road\\_safety\\_status/2015/en/](http://www.who.int/violence_injury_prevention/road_safety_status/2015/en/)

World Health Organization. (2017). *Save LIVES - A road safety technical package*. Geneva, Switzerland. Recuperado de: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/255199/1/9789241511704-eng.pdf?ua=1>